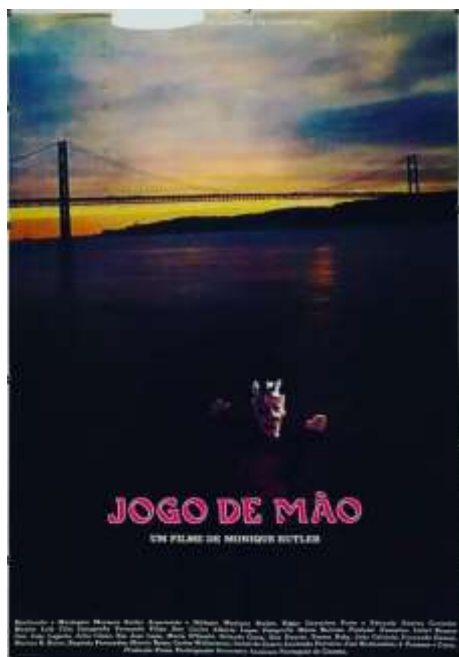


ENTRADA LIVRE
SEGUNDAS-FEIRAS, 20H30

CINEMA PORTUGUÊS / VOL.III

SELEÇÃO DE FREDERICO CORADO

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI - SETÚBAL, SEGUNDA-FEIRA, 10 DE NOVEMBRO, DE 2025 - 20H30



“Jogo de Mão” (1983), de Monique Rutler

Realização: Monique Rutler, Argumento: Edgar Gonsalves Preto (como Gonçalves); Eduardo Guerra Carneiro, Monique Rutler; Direção de fotografia: Mário Barroso; Assistência de imagem: José António Loureiro; Fotografia de cena: Maria Amaral; Chefe eletricitista: Manuel Carlos da Silva; Eletricitista: João Silva; Maquinista: Vasco Sequeira; Cenografia e figurinos: Fernando Filipe; Assistência de guarda-roupa: Manecos; Caracterização: Ana Lorena; «Penteados»: Nadame Annick; Direção de som: Carlos Alberto Lopes; Assistência de som: Quintino Bastos; Direção musical: Luís Cília; Músicos: António Chainho (guitarra portuguesa), José Maria Nóbrega (viola), Carlos Menezes (viola), Fernando Ribeiro (acordeão), António Serafim (oboé), Luís Duarte (viola baixo), António Oliveira e Silva (violeta), Luís Vasconcelos (violoncelo), Carlos Martins (saxofone); Fado: Jaime Santos (Os Garotos, letra de Linhares Barbosa), interpretado por Márcia Breia; Montagem: Monique Rutler; Assistência de montagem: Luís Sobral; Assistência de realização: Pedro Correia Martins; Anotação: Françoise Ariel; Empresa produtora: Paisá, com a participação financeira do Instituto Português de Cinema; Direção de produção: José Torres, Isabel de Mello Breyner; Produção executiva: Isabel Branco; Laboratórios: Tobis Portuguesa (imagem), Nacional Filmes (som)

Com: João Lagarto (roberteiro), Júlio César (Alberto), São José Lapa (Isabel), Maria N'Zambi (Carolina), Gilberto Gonçalves (Caló), Teresa Mónica (amiga de

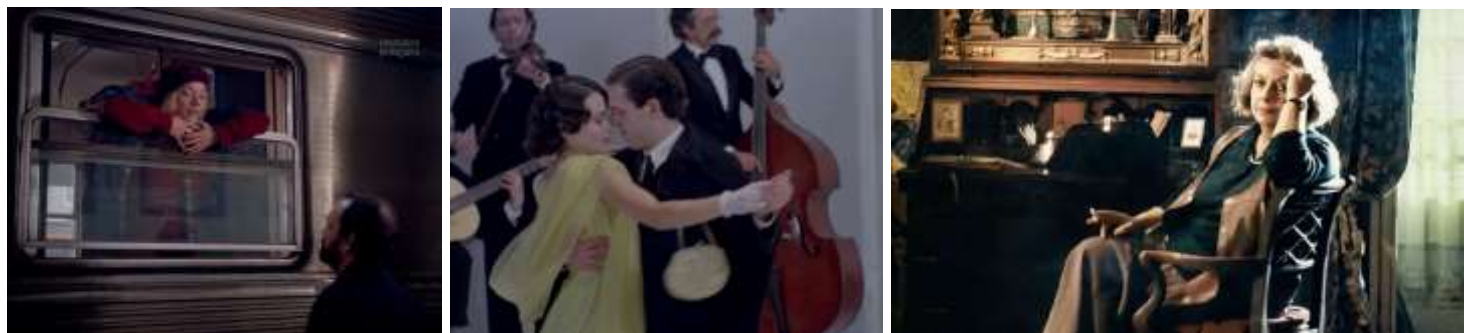
Carolina), Maria Vieira (amiga de Alberto), Victor Casimiro (amigo de Alberto), Manuela Carona (cartomante), Francisco Costa (operador de som), José Correia (operador de imagem), Jorge Henriques (dono da sapataria), Paulo Braga (drogado), Marc Azevedo (miúdo), Inês Lapa Lopes (miúda), Orlando Costa (Manuel), Zita Duarte (Maria), Carlos Ivo (1.º cliente tasca), Henrique Espírito Santo (2.º cliente tasca), Leandro Vale (3.º cliente tasca), Luz Azevedo (tasqueiro 1.ª feira), Nunes Grangeia (tasqueiro 2.ª feira), Teodoro Rafael (feirante), Teresa Roby (Teresa), João Calvário (José), Fernando Gomes (realizador), Marina Bairrão (assistente), Sara Lima (1ª prostituta), Ilda Roquete (dona da casa), Tony Morgon (amigo de José), Amadeu Caronho (1.º mafioso), Rui Mesquita (2.º mafioso), António Évora (enfermeiro), Teresa Sangareau (estudante), Luís Ferreira (estudante), Paula Gil (2.ª prostituta), Fernando Filipe (cliente cabaré), Jonas Moon (cliente japonês), Manuel Marques (ourives), Amílcar Lyra (escocês), Carlos Wallenstein (D. António Cardeal), Isabel de Castro (Maria de Jesus), Baptista Fernandes (coronel), Márcia Breia (Maria Madalena), Laurinda Ferreira (Tininha), José Wallenstein (António Cardeal em novo), Alda Rodrigues (dona da casa de fados), Asdrúbal Teles Pereira (padre), Rosa Lobato Faria (1.ª convidada), Aida Ultz (2.ª convidada), Maria Amália S. Carvalho (3.ª convidada), Amílcar Botica (1.º convidado), Senuel de Carvalho (2.º convidado), José Fonseca e Costa (juiz), Paula Nunes (Géninha).

Duração: 109 minutos; Distribuição: Filmes Castello Lopes; Primeira apresentação pública: 31 de agosto de 1983, 40.º Festival Internacional de Cinema de Veneza; Primeira apresentação pública em Portugal: setembro de 1983, Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz; Estreia comercial: 29 de junho de 1984, Cinema Quarteto (Lisboa), Sala Bebé (Porto), Cinema Bocage (Setúbal).

Nota da Realizadora

“Jogo de Mão” é uma meditação resultante de uma aturada análise e pesquisa acerca da manifestação e condição do machão ibérico, que tem a sua mais acabada expressão no machista lusitano. Num bairro popular de Lisboa, um engraxador malandro acaba por ficar preso nas malhas que tece para as raparigas que quer conquistar. Na alta burguesia, o machão encobre as suas leviandades sob uma falsa moral convencional. Mas um toque irónico põe o ponto final à vida presumidamente íntegra e exemplar de um cidadão acima de qualquer suspeita. O fenómeno atinge uma dimensão bizarra quando uma mulher, de um índice mental e cultural superior ao dos homens com quem convive, decide manobrar e explorar o seu homem/objeto que não tem para o defender uma Liga da Condição Masculina. Sendo de fácil adaptação a qualquer meio, exemplares machistas também se podem encontrar nos meios rurais. É o feirante para quem a mulher é apenas uma peça da camioneta onde transporta as peles que vai vender à feira. É ele evidentemente quem conduz essa camioneta e é o seu proprietário. O painel divertido, irónico, sarcástico e amargo de histórias que um bonecreiro nos conta, põe em causa e em conflito a espécie ainda abundante do machista lusitano que - descansem!! - não é metido a ridículo, porque já é, em si, ridículo. Este filme é mais do que um filme sobre homens dominadores e mulheres infelizes, é também um filme sobre os nossos (des) amores em que, tal como num espetáculo de robertos, a traulitada, quando nasce, é para todos.

Monique Rutler



A fraca recepção que o filme teve em Veneza tem razões que o ultrapassam, razões que se prendem não só com um primeiro dia do festival absolutamente decepcionante, mas também com a expectativa em torno do cinema português. O que os italianos (e os outros) não sabem é que na sua produtividade e nas suas fraquezas (e no seu orçamento - 11 mil contos, cifra baixíssima), é um sintoma do presente estado do cinema português. Uma nota curiosa apenas, por certo sem consequências - no final da projecção, desrespeitando a norma protocolar de não sugerir a sua opinião antes do anúncio das decisões, alguns membros do júri aplaudiram o filme, com destaque para Nagisa Oshima.”

Augusto M. Seabra

In Expresso, 3 de Setembro de 1983

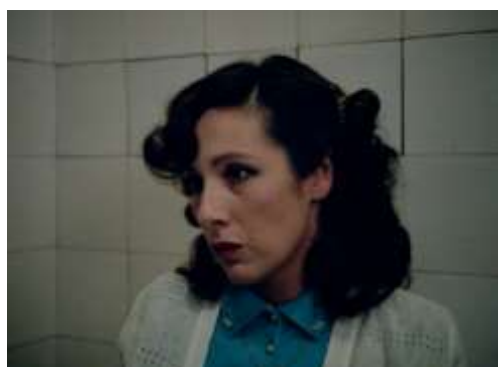


Muito curioso, este olhar de Monique Rutler sobre a sociedade lisboeta de princípios da década de 80. Visto de hoje, mais de quarenta anos depois (o filme estreou em 1984, mas teve apresentação pública em 1983 e a rodagem foi em 1982), parece-nos que o seu interesse cresceu: Jogo de Mão capta uma Lisboa que ainda não é bem a que conhecemos dos nossos dias, uma sociedade um pouco diferente da contemporânea. O cinema também tem este tipo de função “arqueológica”, e lembrá-lo a propósito do filme de Monique Rutler não significa que se esteja a menorizá-lo, pois para que um filme cumpra essa função tem, em primeiro lugar, que se abrir a ela. E que Jogo de Mão se preste a isso é porque há nele a intuição ou o pressentimento de que está a fixar o retrato de um tempo, isso parece-nos razoavelmente evidente. Encontramos aqui um retrato português de uma sociedade em mutação, por entre desagregações e “reconversões”. Menos de dez anos decorridos sobre o 25 de Abril, Jogo de Mão mostrava um mundo onde, por assim dizer, coexistiam vários mundos. São quatro histórias diferentes - unidas, tipo “fil rouge”, pela personagem do marionetista (João Lagarto), espécie de “coro”, e pela equipa cinematográfica que cruza vários episódios (e que é mais explorada, em termos narrativos, no terceiro episódio). Parece bastante nítida uma dimensão desencantada, em termos sociais e em termos políticos. Estamos já bastante longe das euforias “revolucionárias” dos anos 70 - e é exactamente para um mundo “congelado” que Jogo de Mão nos convoca imediatamente, no primeiro segmento, sobre as tropelias de um “marialva” de bairro (excelente Júlio César). Personagem que se diria tipicamente lisboeta, ela é filmada sem qualquer espécie de cumplicidade: anda em círculos e mais círculos, de expediente em expediente, de mulher em mulher. Não por acaso, a personagem é abandonada, no fim do segmento, num plano em “paralítico”: maneira de “fixar” a personagem, mas sobretudo maneira de lhe negar um futuro que, de qualquer modo, ela parece não ter. Alguns aspectos avultam no retrato, ou nos retratos, feitos pelo filme de Monique

Rutler. Por um lado, as variações de classe, que se tornam particularmente evidentes no derradeiro episódio, com um conjunto de personagens que é uma espécie de “estufa” da organização social do antigo regime (e o plano de abertura desse episódio, o longo plano do jantar em que se celebra a recuperação, pelo Dr Cardeal, da propriedade do jornal que perdera, eventualmente por altura das “nacionalizações”). A caracterização das personagens é bastante evidente quanto ao mundo a que alude, e toda a história, tragicómica, é como uma história de fantasmas - a morte, no fim, é mais uma “reiteração” de morte do que outra coisa, um atestado de falência de um modelo de sociedade. Nos outros episódios também não se vê muito optimismo, seja na história do casal de vendedores ambulantes (gente da periferia rural lisboeta, que abre o filme a um universo mais vasto do que o estritamente urbano) seja na história da estudante universitária que mergulha no “bas fonds” e no Cais do Sodré para pagar uma ida para França (e, já agora, no retrato caricatural que se faz da “troupe” cinematográfica que tem nesse episódio uma espécie de narrativa paralela). Outra coisa interessante é a perspectiva feminina sobre os homens, como se Jogo de Mão também filmasse uma “falência da masculinidade”. Vaidosos e aldrabões (primeiro episódio), bêbedos e violentos (Orlando Costa no segundo), fracos e manipuláveis (João Calvário no terceiro), poltrões e covardes (não só Wallenstein na pele do magnata morto-vivo mas também o Coronel, interpretado por Baptista Fernandes). As personagens mais fortes, mesmo que não necessariamente as mais “positivas” (Teresa Roby na sua oportunista estudante/prostituta, mesmo Zita Duarte na mulher sofredora e submissa) acabam por ser as mulheres. São, pelo menos, as que mais e melhor resistem - e o símbolo perfeito disso aparece no plano final, com a reacção extremamente ambígua de Isabel de Castro ao telefonema.

Luís Miguel Oliveira

In Folhas da Cinemateca



Filmografia de Monique Rutler

“O Aborto Não é um Crime” (1975 - doc)

“Velhos São os Trapos” (1981),

“Assoa o Nariz e Porta-te Bem” (1981 - TV)

“Jogo de Mão” (1983),

“O Carro da Estrela” (1989 - doc)

“Solo de Violino” (1990)



“Relação Fiel e Verdadeira”, de Margarida Gil (1987)

Realização: Margarida Gil; Argumento: Margarida Gil e João César Monteiro, parcialmente baseado na “Autobiografia” de Antónia Margarida Castelo Branco; Assistência Literária: Luiza Neto Jorge; Fotografia (16mm, cor): Manuel Costa e Silva; Som: Joaquim Pinto, Vasco Pimentel; Música: José Alberto Gil; Cenários e Guarda-Roupa: Juan Soutullo

Com: Catarina Alves Costa (Antónia), António Sequeira Lopes (Brás), Laura Soveral (D. Luísa), Jorge Rolla (Afonso), Cremilda Gil (Ana), Sónia Guimarães (Felicidade). Produção: Margarida Gil

Duração: 89 minutos; Ante-Estreia: Cinemateca Portuguesa, em 29 de Fevereiro de 1987; Estreia: São Jorge 3, em 23 de Junho de 1989.



O ponto de partida para a primeira longa-metragem de Margarida Gil é a “Autobiografia” de Antónia Margarida Castelo Branco, onde a freira narra as vicissitudes da sua vida de casada com Brás de Menezes, fidalgo arruinado pelo vício, pelo jogo e pelas conspirações no Portugal pós-restauração. À partida o projecto da realizadora teria sido uma recriação da época segundo o modelo de Manoel de Oliveira em *Amor de Perdição* e *Francisca*. Contudo, a partir de determinada altura, este “projecto de filme” de Margarida Gil (conforme o argumento original) sofre uma alteração radical, na forma que não no sentido. Em vez de “recriar” a época, o projecto “actualiza” a história dramática de Antónia Margarida. A alteração ao fundo temporal não altera a intencionalidade do filme, a sua reflexão sobre a história e sobre a psicologia das personagens. Porque esta “actualização” se faz para um tempo que reflecte o original nas suas razões históricas. Do período da pós-Restauração de 1640 com os ajustes de contas entre a nobreza independentista triunfante e a que se acomodara ao domínio espanhol, passamos para a fase pós 25 de Abril, também marcada por confrontos dramáticos e não menos ajustes de contas. Por isso, mais do que em *Amor de Perdição* ou *Francisca*, *Relação Fiel e Verdadeira* encontra um par no filme que Paulo Rocha fazia no mesmo ano, *O Desejado* ou *As Montanhas da Lua*. Em ambos os filmes se procede a uma “actualização” de clássicos da literatura, sendo o de Rocha o “*Genji Monogatari*” escrito no século X por Shikobu Murasaki, e em ambos se centra a nova acção no Portugal pós 25 de Abril, reflectindo a turbulência política de então. No filme de Margarida Gil as alterações que o original sofre na modernização são de pouca monta, reflectindo-se nalguns pormenores de figurinos e meios de transporte (o carro que Antónia conduz na viagem para o interior, a camioneta que a transporta quando parte com a mãe espiada por Brás a cavalo na colina), nas actividades de Brás (que agora têm a ver com as ex-colónias portuguesas, em especial o tráfico de diamantes de Angola). O resto, que é o que importa, permanece inalterável, o tempo não passou sobre concepções medievais, relações feudais, superstições e tradições. A reza anti-peçonha que a criada entoa sobre a mão ferida de Brás não é um anacronismo, mostrando, antes, como no interior rural do país, recém-saído de um regime esse sim, anacrónico, se mantinham velhas crenças e superstições, e não apenas entre as classes baixas. Estes dois tempos, passado e presente, estes dois olhares, vão-se justapondo e confundindo, através da montagem que alterna o movimento interior de cada uma das personagens com lentas panorâmicas sobre uma paisagem nortenha que apenas o traço de uma estrada asfaltada distinguirá o presente do passado, e de uma fotografia a que a ampliação dos 16mm (em que foi filmado) para os 35mm (em que foi exibido), confere um inesperado grau de “autenticidade”. Mas mais sugestiva é a relação de Antónia com o marido e com a família. É aqui que tradição e modernidade se confundem. Porque a total submissão de Antónia ao seu destino se tem uma faceta medieval de “submissão”, traz também o sinal de uma afirmação pessoal e revolta modernas. A submissão, para Antónia, é a forma de impor a sua vontade e o seu percurso ao longo do filme é o de um progressivo despojamento de laços afectivos que a levará ao convento. Face à sua força submissa a revolta e o sadismo de Brás, tomam uma faceta patética. Margarida Gil dá a esta história uma forma despojada ao extremo, em longos planos, alguns de beleza extrema (Antónia grávida sob a árvore, plano que evoca *Veredas* de João César Monteiro, onde a realizadora colaborou), outros carregados do sentido da tragédia (os do convento, que adquire um tom fantasmagórico, onde o plano da pintura da raposa caçando a pomba dá um sentido de ameaça de um filme de terror) ou projectando toda a terrível ambiguidade que a história contém (o belíssimo plano de abertura, onde se cruzam os andores da Virgem e de Cristo, que se faz, simbolicamente, numa ponte).

Manuel Cintra Ferreira
In Folhas da Cinemateca





Filmografia de Margarida Gil

1975 - "Clínica Popular Comunal da Cova da Piedade" (curta-metragem); 1987 - "Relação Fiel e Verdadeira" (longa-metragem); 1988 - "Flores Amargas" (curta-metragem, filme de TV); 1991 - "Daisy - Um Filme para Fernando Pessoa" (longa-metragem, filme de TV); 1992 - "Rosa Negra" (longa-metragem); 1994 - "A Luz Incerta" (curta-metragem); 1997 - "As Escolhidas" (curta-metragem); 1998 - "O Anjo da Guarda" (longa-metragem); 2002 - "Não me Cortes o Cabelo que Meu Pai me Penteou" (curta-metragem); 2004 - "Adriana" (longa-metragem); 2007 - "Sobre o Lado Esquerdo" (curta-metragem); 2009 - "Fátima de A a Z" (curta-metragem); 2009 - "Perdida Mente" (longa-metragem); 2010 - "Conversas no Cabeleireiro - Com Isabel do Carmo" (curta-metragem, filme de TV); 2010 - "Conversas no Cabeleireiro - Com Purificação Araújo" (curta-metragem, filme de TV); 2011 - "Paixão" (longa-metragem); 2012 - "O Fantasma do Novais" (longa-metragem); 2017 - "A que Chamas Pensar?" (curta-metragem); 2018 - "Mar" (longa-metragem); 2022 - "Cavaleiro Vento" (curta-metragem); 2024 - "Mãos no Fogo" (longa-metragem)

FORUM MUNICIPAL LUÍSA TODI-SETÚBAL | SEGUNDA-FEIRA, 24 DE NOVEMBRO DE 2025

CINEMA PORTUGUÊS Vol.III - Sessão Dupla, 20H30 (entrada livre)

"A Balada da Praia dos Cães", de José Fonseca e Costa (1987)

"Máscara Contra o Abismo Azul", de Paulo Rocha (1988)